Radford, A.; Atkinson, M.; Britain, D.; Clahsen, H.; Spencer, A.. *Linguistics: an Introduction.* CUP, 1999.

(tradução e notas: Ana Paula Scher)

(versão revisada em agosto/2021)

# Palavras: Classes de Palavras

## Classes de palavras

Um passo natural em uma abordagem científica para o estudo da morfologia das línguas naturais é procurar estabelecer tipos diferentes de palavras que aparecem nessas línguas. É fácil perceber que falantes nativos podem dividir palavras em tipos diferentes (mesmo se não puderem efetivamente descrever como fazem isso), e, mais importante que isso, é possível perceber que esses falantes podem usar o seu conhecimento dos diferentes tipos de palavras, quando são confrontados com uma palavra completamente nova. Suponha, por exemplo, que você ouça a sentença em (1):

(1) Um plingre chegou.

Logicamente, você não sabe o que *plingre* significa, mas você pode, imediatamente, inferir que *plingre* é o tipo de expressão que ocorre em construções tais como *o/a plingre*, *dois/duas plingres*, *todos os/as plingres que já existiram*, etc. Em resumo, (1) permite que você atribua *plingre* a uma classe particular de palavras e, uma vez que você sabe a que classe de palavras ela pertence, você sabe muito sobre o seu potencial para ocorrer na língua.

É razoável, portanto, supor que a classe de palavra à qual uma palavra pertence é especificada na entrada lexical daquela palavra. A tarefa que imediatamente se coloca para nós nesta seção é a que desenvolver critérios para a atribuição de palavras a classes.

**Categorias Lexicais**

Uma distinção familiar é a que se estabelece entre **nomes** (N) e **verbos** (V), e há várias formas de se justificar isso em inglês. Por exemplo, frequentemente, nomes se referem a tipos de objetos concretos no mundo (ex: *bolo*, *máquina*, *motor*, *lua*, *garçom*, e, podemos supor, agora, *plingre*!), enquanto verbos referem-se, tipicamente, a atividades (ex: *aplaudir*, *roubar*, *colidir*, *latir*). Além disso, verbos e nomes exibem uma gama diferente de formas; grande parte dos nomes tem uma forma especial para o plural (ex: *máquina ~máquinas*; *motor ~motores*), enquanto verbos têm um grande número de formas distintas, como mostram as sentenças em (2)a, do inglês e suas versões para o português em (2)b[1]:

(2) a. Dogs *bark*; Fido *barks*; Fido *is barking*; Fido *barked*.

b. Cães *latem*; O Fido *late*; O Fido *está latindo*; O Fido *latiu*.

Em terceiro lugar, nomes e verbos combinam uns com os outros para formas frases de maneiras distintas. Por exemplo, um nome vai, frequentemente, ser encontrado depois de um artigo definido (ex: *the*, no inglês – ***the*** *moon*; *o/a*, no português – ***a*** *lua*, ***o*** *sol*) ou indefinido (ex: *a/an*, no inglês – ***an*** *engine*; *um/uma*, no português – ***uma*** *máquina,* ***um*** *motor*). Grande parte das formas de um verbo não podem ser precedidas por esses

[1] Os dados em português que aparecem nesta versão livre não fazem parte do texto original do capítulo Words.

artigos (ex: **the applauds*, **an applauded*; **o aplaude*, **um aplaudimos*). Se formamos um sintagma que consiste de um artigo e um nome, isso pode, muitas vezes, seguir um verbo para formas um sintagma maior (ex: *steal a car*, *applaud the singer*; *roubar um carro*, *aplaudir o cantor*) – dizemos que, nessas construções do inglês, *a car* e *the singer* funcionam como complementos dos verbos *steal* e *applaud*, respectivamente. O mesmo pode ser dito de *um carro* e *o cantor* em relação aos verbos do português *roubar* e *aplaudir*, respectivamente. Palavras que são verbos inequivocamente não podem cumprir os papeis de complementos (ex: **We heard* ***barked***; **Nós ouvimos* ***latiu***). Além disso, uma sequência de artigo-nome pode combinar com um verbo para formas uma sentença completa, tal como em *the dog barked* ou *o cão latiu*. Aqui, os sintagmas *the dog* ou *o cão* funcionam como sujeito das sentenças relevantes. De modo paralelo, palavras que verbos são inequivocamente não podem cumprir o papel do sujeito (ex: ***Barked** surprised us*; ***Latiu** surpreendeu a criança*). Em geral, dizemos que sujeitos e complementos são argumentos de verbos e sentenças simples típicas como aquelas em (3) e (4) consistem de um verbo (ex: *stole*, *roubar*) e seus argumentos (ex: *the waiter* e *a cake*; *o garçom* e *um bolo*)

(3) The waiter stole a cake.

(4) O garçom roubou um bolo.

Uma terceira classe de palavra principal reconhecida pela gramática tradicional é a dos **adjetivos** (A), que tipicamente remetem a propriedades que pessoa ou coisas possuem e são usadas para modificar nomes, ex: ***happy** man*, ***noisy** engine*; *homem **feliz**, motor **barulhento***. Embora compartilhem com os artigos da propriedade de aparecerem antes do nome no inglês, se tanto um artigo como um adjetivo combinarem com um nome, eles vão ocorrer em uma ordem fixa (ex: *a happy man*; **happy a man;*

*the noisy engine*, **noisy the engine*). Também é possível atribuir uma propriedade, colocando-se o adjetivo depois de uma forma do verbo *be* para formar uma sentença (ex: *the man is happy*, *the engine was noisy*). Tal como nomes e verbos, muitos adjetivos têm formas especiais que indicam até que ponto uma propriedade é verdadeira para alguma coisa: as formas comparativa (ex: *happier*, '*happy to a greater degree than*'; *mais feliz*, '*feliz em um grau maior que*') e superlativa (ex: *happiest*, '*happy to the greatest degree*'; *mais feliz que*, '*feliz no maior grau*')

A quarta classe de palavras envolve os **advérbios** (ADV). Enquanto um adjetivo modifica um nome, um advérbio tipicamente modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, indicando como, quando ou por que alguma coisa aconteceu ou, ainda, em que grau uma propriedade caracteriza um indivíduo ou um evento. Exemplos ilustrando esses três usos aparecem em (5) e (6) – os advérbios modificadores estão em itálico e o item modificado, em negrito:

(5) a. The waiter *carelessly* **dropped** the plate.
b. The engine is *really* **noisy**.
c. The audience applauded the singer *very* **enthusiastically**.

(6) a. O garçom **deixou cair** o prato *descuidadamente*.
b. O motor é *realmente* **barulhento**
c. A plateia aplaudiu o canto *muito* **entusiasmadamente**.

(Observem que, em (5c) e (6c), os advérbios *enthusiastically*, do inglês, e *entusiasmadamente*, do português, eles próprios modificados por *very* e *muito*, respectivamente, modificam o verbo *aplaudir* em cada uma das línguas em foco.)

Advérbios podem ser prontamente formados a partir da maioria dos adjetivos pela adição de –*ly*, no inglês (ex: *happily*, *slowly*, *reluctantly*, etc). Em português, adiciona-se –*mente* ao adjetivo comum de dois gêneros (ex: *alegremente*, *solenemente*, *sorridentemente*) ou à forma feminina dos adjetivos variáveis para gênero do português (ex: *calorosamente*, *friamente*, *lindamente*). Entretanto, advérbios que não se formam a partir desse processo são bem comuns: *very*, *well*, *yesterday*, etc no inglês, ou *muito*, *bem*, *cedo*, *ontem*, etc, no português.

Outra importante classe de palavras é ilustrada em (7) e (8)

(7) a. Harriet was sitting *under* a tree.
b. They're due to arrive *before* noon.
c. That is the end *of* the News.
d. There was a debate *about* economic policy.

(8) a. Maria estava sentada *sob* uma árvore.
b. Teles devem chegar *antes* de meio-dia.
c. Este é o fim *das* notícias.
d. Havia um debate *sobre* política econômica.

As palavras em itálico em (7) e (8) precedem nomes (ou sintagmas nucleados por nomes, tais como *a tree*, *economic policy*; *uma árvore*, *política econômica*). Elas servem tipicamente para relacionar pessoas, objetos ou eventos no espaço ou no tempo (ex: *under/before; sob, antes*), embora frequentemente, a relação seja mais abstrata, como em (7c,d) ou (8c,d). Palavras desse tipo são chamadas **preposições** (P), e elas não podem ocorrer de formas distintas (ex: **unders*, **abouted*, **oftest*, **berforely; *sobs*, **sobrimos*, **deíssimo*, **antesmente*).

Até aqui, distinguimos cinco tipos de classes de palavras ou categorias lexicais. Fizemos isso usando três critérios para estabelecer a categoria semântica (sustentada pelo significado da palavra), morfológica (sustentada pela forma da palavra) e sintática (que toma por base o comportamento dos sintagmas). Em conjunto, esses critérios identificam nossas diferentes classes de forma bastante clara. Entretanto, é importante apontar que há muitos casos em que um ou outro critério não funciona bem. Por exemplo, alguns nomes que se referem a ideias abstratas (ex: *justiça*, *ideia*, *quantidade*), e não a objetos concretos; pior que isso, há nomes tais como *jogos* e *fala* que se referem a tipos de atividades, um critério que pode ser usado para o reconhecimento de verbos. Para alguns nomes, o critério de pluralização não funciona de modo inequívoco, ou porque suas formas de plural são irregulares, ou porque eles, de fato, não têm uma forma de plural (ex: **furnitures* ou **sakes*, no inglês). Do mesmo modo, há verbos que remetem a estados, e não a atividades (ex: *fear*, *border (on)*; *temer*, *preocupar*), e outras dificuldades para a aplicação muito rigorosa desses critérios vão aparecer à medida que continuamos. Apesar desses problemas, parecer lógico supor que, no léxico, as entradas lexicais devem conter uma indicação da classe de palavras a que elas pertencem.

Uma ilustração particularmente interessante da quebra das correlações semânticas surge da observação de que o inglês dispõe de muitas maneiras de formar novas palavras a partir das antigas. Por exemplo, podemos formar o nome *happiness* a partir do adjetivo *happy*. Que *hapiness* é um nome é indicado pelo fato de que ele pode ser precedido pelo artigo definido (ex: *the happiness John felt*), e que ele não é um adjetivo, pelo fato de que ele não tem formas comparativa ou superlativa (ex: **happinesser*, **happinessest*). Assim, *hapiness* é um nome que denota a propriedade de ser feliz. Assim, tanto o adjetivo quanto o nome parecem, neste caso, denotar uma propriedade, o que indica que o critério semântico

para a determinação da classe de palavra não será útil. Logicamente, o exemplo escolhido aqui não é excepcional; ele ilustra um processo geral de formação de palavras. A palavra *happiness* é formada pela adição da terminação –*ness* a *happy* (a alteração na ortografia é irrelevante aqui e não tem qualquer efeito na pronúncia). Tal processo é denominado morfologia derivacional (porque derivamos uma nova palavra a partir de outra já existente). Processos derivacionais, tipicamente, se aplicam a nomes, verbos e adjetivos, permitindo a mudança de categoria para a palavra (retornaremos a uma discussão mais sistemática desse processo adiante).

**Categorias funcionais**

Nomes, verbos, adjetivos, advérbios e preposições são as classes de palavras mais importantes do inglês e são o tipo de palavras que encontramos nos dicionários com significados associados a elas. Entretanto, nem todas as palavras são inequivocamente significativas como essas, e essa observação é um caminho para a ampliação do conjunto de classes de palavras que deve ser reconhecido nas gramáticas das línguas. Considere as palavras em itálico nos seguintes exemplos do inglês e do português:

(9) Bill thinks *that* Tom *and* Dick *have been* visiting Harriet *to* ask for help with one *of the* assignments *which have to be* finished for *the* next Morphology class.

(10) Pedro pensa *que* o João *e* a Maria *estavam visitando* a Ana *a fim de* pedir ajuda com *uma das* tarefas *que devem ser* terminadas para *a* próxima aula de morfologia.

É difícil começar a atribuir um significado particular para essas palavras da mesma forma que nós, de modo geral, podemos fazer para as classes principais. Por exemplo, como falante nativo de inglês ou português, imagine ser questionado por alguém que não entende muito bem uma dessas línguas sobre o significado de *think* e *assignment*, na primeira, ou *pensar* e *tarefa*, na última. Uma vez que as classes principais, normalmente, denotam objetos, ideias, eventos, estados e propriedades, entre outras coisas, falantes nativos dessas duas línguas podem, via de regra, formular respostas para algumas questões desse tipo. Entretanto, suponha que, em vez disso, você seja questionado sobre o significado de *what*, *and* ou *to*, em (9) ou de *que*, *uma* e *a fim de*, em (10). É pouco provável que você tenha uma resposta. Um jeito melhor de pensar nessas palavras é considerá-las como cumpridoras de uma determinada função na sentença. Por exemplo, *that* e *que* (nos usos dessas palavras feitos em (9) e (10)), são tradicionalmente tratados como elementos conjuntivos (conjunções subordinativas, mais particularmente). Elas ocorrem no início das sentenças *Tom and Dick have been visiting Harriet*... e *o João e a Maria estavam visitando a Ana*..., respectivamente. Sua função é indicar que a oração que elas introduzem é uma afirmação, não uma questão. A palavra *to* em *to ask*, bem como a expressão *a fim de*, em *a fim de pedir*, assinalam que esse era o propósito das visitas de Tom e Dick, por um lado, e de *João e Maria*, por outro. Por sua vez, em *to be finished*, a palavra *to* está lá simplesmente porquê parece ser parte da gramática do inglês que o verbo *have* em sua concepção de 'obrigação' deve ser seguido por *to* e pela forma de base de um verbo (observe que *must*, um sinônimo desse tipo de *have*, não exige esse *to*; de fato, seria agramatical adicioná-lo: *the assignments which must be finished*/**must to be finished*). De uma perspectiva bastante diversa, a palavra *which* parece, de certa forma, dependente *the assignments* (eles devem ser terminados) e totalmente desprovida de significado próprio. O

leitor é convidado a refletir sobre as demais palavras em itálico nas sentenças do inglês e do português em (9) e (10), respectivamente.

Palavras tais como as discutidas acima, que não denotam objetos, ideias, etc, são conhecidas como **palavras funcionais** e pertencem a classes conhecidas como **categorias funcionais**. Elas se distinguem de nomes, verbos, adjetivos, advérbios e preposições, que são frequentemente denominadas como **palavras de conteúdo (lexicais)**. A distinção é importante, não apenas na descrição de línguas individuais, mas, também, no estudo da aquisição de linguagem e, ainda, de distúrbios da fala.

Há uma importante relação entre palavras funcionais e palavras lexicais no sentido em que, de modo geral, os critérios sintáticos para atribuir palavras a classes lexicais se sustenta em tipos específicos de palavras funcionais. Por exemplo, apontamos, acima, que nomes podem ser precedidos de um artigo definido ou indefinido (ex: *the*, *a* ou *an* (inglês); *o*, *a*, *um*, ou *uma* (português)). A função do artigo é (grosso modo) tornar aquilo a que o nome se refere mais ou menos específico. Se você diz *I bought a car* ou *eu comprei um carro*, nas duas línguas em foco, essas sentenças remetem a um evento de *comprar carro* que você realizou, sem implicar qualquer coisa sobre o carro em questão; mas se você diz *I bought the car* ou *eu comprei o carro*, você está assumindo que seu destinatário já sabe de que carro você está falando (por exemplo, porque você já descreveu esse caro para ele anteriormente). Podemos ser ainda mais específicos com **demonstrativos** tais como *this* ou *that*, no inglês, e *este*, *esse* ou *aquele*, no português. Os artigos e os demonstrativos pertencem à classe de palavras funcionais denominada **determinantes** (D). Elas são frequentemente encontradas antes de nomes embora o determinante possa ser separado do nome por um ou mais adjetivos, no inglês (ex: *a bright, shiny, new car*) e no português (ex: *uma linda mulher*), ou por um pronome (outra categoria

funcional, como veremos adiante) possessivo, no português (ex: *os meus olhos*).

Verbos também podem ser precedidos por um tipo de palavra funcional, os **verbos auxiliares** (AUX), tais como *can*, *will*, *must*, *have*, *be*, no inglês, além de *poder*, *ir*, *dever*, *ter*, *estar*, *ser*, no português.

(11) a. You *can* go to the ball.
b. Linguistics *is* developing rapidly.
c. Sam *has* lost the plot again.

(12) a. Você *pode* ir ao baile.
b. A Linguística *está* se desenvolvendo rapidamente.
c. João *tinha* perdido o rumo outra vez.

Que verbos auxiliares se comportam de modo distinto em relação aos **verbos lexicais** pode ser constatado pela observação de seus papeis na formação de questões do inglês, em (13) e (14):

(13) a. Harriet *is* studying linguistics
b. *Is* Harriet studying linguistics?

(14) a. Tom *can* speak Urdu
b. *Can* Tom speak Urdu?

Nesses dois conjuntos de dados, podemos ver que a formação de uma pergunta envolve o 'movimento' de um verbo auxiliar para a posição inicial na estrutura da sentença. Verbos lexicais não se movem dessa forma em inglês moderno:

(15) a. Harriet *studies* linguistics

b. **Studies* Harriet linguistics?

Além disso, ainda no inglês, uma sentença é negada pelo posicionamento de *not* (ou *n't*) depois de um auxiliar:

(16) a. Harriet is studying linguistics

b. Harriet is*n't* studying linguistics

Mais uma vez, isso não ocorre com verbos lexicais do inglês:

(17) *Harriet studies*n't* / studies *not* linguistics

Podemos perceber, imediatamente, então, não apenas que auxiliares são úteis para nos levar a atribui verbos lexicais a categorias apropriadas, mas também eu eles têm propriedades tais que justificam o reconhecimento de uma categoria funcional distinta: verbos auxiliares (AUX).

Outra palavra funcional que frequentemente acompanha verbos lexicais do inglês é *to*, que é adicionada à forma de base de um verbo para formar o **infinitivo**: *to be or not to be*, *to know her is to love her*. Em inglês, o infinitivo é a forma de citação de um verbo, ou seja, a forma que usamos para nomear um verbo (ex: *The most irregular verb in English is the verb 'to be'*.). Embora *to* em geral venha antes do verbo, esses elementos podem ser separados por um advérbio e, algumas vezes, essa é a punica alternativa possível para a construção: *to **really** impress her, you have to be able to cook*. Frequentemente, o infinitivo cindido parece pesado e, por esse motivo, é frequentemente evitado (especialmente fora dos Estados Unidos), mas essa cisão no infinitivo sempre foi uma alternativa possível (apesar de manifestações contrárias vindas de pessoas que não sabem nada sobre a

gramática do inglês). Um rótulo conveniente para a categoria do infinitivo é 'INF'.

O **pronome** configura outro tipo importante de categoria funcional (PRN). Este é um grupo de palavras cujos membros (grosso modo) substituem uma expressão nominal (ex: *John*, *the president*, *a book of mine*, etc.). Os pronomes mais comuns são os pronomes pessoais, que podem ser parcialmente descritos em termos de número (singular e plural) e pessoa (primeira pessoa, quando o falante é incluído; segunda pessoa, para o destinatário, quando o falante é excluído; e terceira pessoa, em outros casos).

A tabela 1 mostra que *we*/*us* é um pronome de primeira pessoa do plural, que *he*/*him* é uma terceira pessoa do singular, etc. Nomes tais como *Tom* ou *apples* podem ser considerados como formas de terceira pessoa (singular e plural, respectivamente), porque eles podem ser substituídos pelos pronomes pessoais correspondentes *he* e *them*.

Tabela 1 Pronomes pessoais em inglês

| *number* | singular | plural |
|---|---|---|
| *person* | | |
| first | I/me | we/us |
| second | thou/thee/you | you |
| third | he/him, she/her, it | they/them |

(A segunda pessoa do singular *thou*/*thee* é obsoleta em dialeto padrão do inglês moderno, embora sobreviva em outras variedades.)

O mesmo raciocínio pode ser feito para dados do português.

Em (9) e (10), as palavras *and*, do inglês e *e*, do português, exemplificam outro tipo de palavra funcional denominada **conjunção** (CONJ). Mais exemplos aparecem em (18) e (19):

(18) a. naughty *but* nice

b. your money *or* your life

c. Harriet is English *but* she speaks Russian

(19) a. Sou bobo, *mas* sou feliz; mais bobo é quem me diz.

b. A bolsa *ou* a vida.

c. *Embora* seja brasileira, Luna fala francês como primeira língua.

Essas conjunções servem para ligar palavras ou sintagmas para formar sintagmas maiores do da mesma natureza ((18a,b) e (19a,b)), ou para unir sentenças inteiras, formando novas sentenças ((18c) e (19c)).

As conjunções subordinativas *that/que* já foram mencionadas anteriormente em conexão com (9) e (10). Na Linguística moderna, palavras como essas são conhecidas como **complementizadores** (C), porque um de seus usos mais importantes é a introdução de uma oração complemento (ex: orações que funcionam como o complemento de um verbo, adjetivo ou nome), como em (20) e (21):

(20) a. Tom **wonders** [*if* it will rain]

b. Tom **arranged** [ *for* Dick to leave early]

(21) a. João se **pergunta** [*se* vai chover]

b. Ana **conseguiu** [ *que* Pedro saísse cedi de casa]

Cada uma das orações dentro dos colchetes em (20) e (21) é uma oração complemento, uma vez que ela serve como complemento do verbo em negrito.

Até este ponto, então, vimos que é necessário reconhecer pelo menos cinco categorias lexicais (N, V, A, ADV, P) na gramática do inglês e de outras línguas, como o português, por exemplo, além de algumas categorias funcionais (D, AUX, PRN, CONJ, C). Nós também sugerimos que a qualidade de membro de uma determinada categoria será especificada como parte da representação lexical da palavra no léxico. (...)